

O TEMPO DO MATRIMÔNIO EM *HISTORIA APOLLONII REGIS TYRI*

THE MARRIAGE TIME IN *HISTORIA APOLLONII REGIS TYRI*

Nicolas Pelicioni de Oliveira¹

RESUMO

O romance antigo romano *História Apollonii regis Tyri* (*História do rei Apolônio, de Tiro*), de autor desconhecido, tem o desenvolvimento de suas intrigas ligado ao tempo do matrimônio. O romance apresenta-nos o rei Apolônio, que, após muitas adversidades, acaba por casar-se com uma princesa de Cirene, filha do rei Arquístrates. Assim como Apolônio, a realização afetiva de diversas personagens dá-se no matrimônio.

Palavras-chave: Romance antigo, romance antigo romano, *História Apollonii regis Tyri*, matrimônio, tempo.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP; Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – IBILCE; Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL; São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil; Orientação: Prof Dr Cláudio Aquati. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Processo nº 2014/18901-7).

ABSTRACT

The ancient Roman romance *Historia Apollonii regis Tyri* (*The history of Apollonius king of Tyre*), by unknown author, has the development of its plot connected with the time of characters' marriage. The narrative introduces king Apollonius, who after many adventures marry the princess of Cirene, king Archistrates daughter. As well as Apollonius, several characters find in marriage their personal realization.

Keywords: Ancient Romance, Ancient Roman Romance, *Historia Apollonii regis Tyri*, marriage, time.

O romance *Historia Apollonii regis Tyri* (doravante HART) tem como tema central o casamento de Apolônio, protagonista cujo nome dá título à obra.

Paralelamente ao casamento de Apolônio, temos outras tentativas de união bem ou mal sucedidas. O presente artigo analisa o romance quanto ao tempo do matrimônio relativamente à personagem central, Apolônio, e, também, quanto ao tempo do matrimônio das personagens femininas em geral, uma vez que todos os acontecimentos significativos estão relacionados a mulheres jovens no momento em que atingem a idade das núpcias.

Romance muito conhecido na Idade Média, HART foi traduzido para o inglês por John Gower (c. 1330-1408), em versos, e incluído em sua coleção de poemas *Confessio Amantis*, posteriormente adaptado para o teatro por William Shakespeare (1564-1616) com o título *Péricles, o rei do Tiro* (*Pericles, the Prince of Tyre*; a mudança do nome do protagonista deve-se às necessidades métricas do texto shakespeariano).

HART é uma obra de autor anônimo, não havendo sequer um pseudônimo que permita identificar o autor. Quanto à origem, Kortekaas (1991, p. 72) defende que HART é uma obra grega. Schmeling (2005, p. 121),

por sua vez, nega a origem grega em favor da latina, pois reconhece na obra o emprego de diversos termos de afeto e cortesia tipicamente latinos, além de mencionar que há em HART trechos imitados de autores como Virgílio e Ovídio.

Segundo Schmeling (2005, p. 122-3), HART apresenta 114 manuscritos que são agrupados em “famílias²”, das quais as principais são denominadas RA, RB e RC. Os principais registros, ainda de acordo com Schmeling (1988, p. VII), são **A** (RA), **b** (RB) e **ε** (RC). Nossa estudo é feito a partir de RA, como proposto por Kortekaas (2004).

A datação da escrita de HART é suposta por Kortekaas (2004, p. 63) a partir de análises de papiros e de estudos numismáticos. Segundo esse pesquisador, os *aureos* mencionados em HART apontam o tempo da narrativa como posterior a Septímio Severo (193-211 d. C.), essa referência, se coincidente ao tempo da escritura da obra, colocaria a origem do HART em um período anterior à primeira metade do século III. De fato, há um número significativo de passagens nas quais moedas são mencionadas, como temos abaixo, por exemplo, na disputa do amor de Társia, filha do protagonista Apolônio, entre Atenágoras e um amigo seu, enquanto cativa de um leno:

Puella ait:

— *Quater denos mihi aureos dedit.*

Iuvenis ait:

— *Malum illi sit! Quid magnum illi fuisset, homini tam diviti, si libram tibi daret integrum? Vt ergo scias me esse meliorem, tolle libram auri integrum.* (KORTEKAAS, 2004, p. 190-2, RA 34)³

² Schmeling (1988) inicialmente utiliza o termo *families*, depois *recension*. A tradução portuguesa para *recension* é “recensão” — o confronto de um texto com o respectivo manuscrito, para assegurar-lhe a autenticidade —, e recebe, tanto em inglês quanto em português, a abreviação “R”. RA, RB e RC são, portanto, três grupos de textos.

³ A referência “RA 34” aponta a recensão seguida do parágrafo, conforme estabelecido por

[A menina disse:

— Deu-me quarenta áureos. O jovem disse:

— Maldito seja! Quão grande isso teria sido, para um homem tão rico, se a você ele desse uma libra inteira⁴? Para que você saiba que sou melhor, tome uma libra inteira de ouro⁵.]

Segundo Schmeling (2005, p. 121), a escritura de HART situa-se em período anterior ao século VI. Levando em conta a informação dos dois teóricos, os limites para a escrita de HART são um período não anterior ao início do século III e não posterior ao fim do século VI d. C. E, em sua materialidade, o que temos é um romance latino. Portanto, analisaremos o matrimônio e a constituição familiar segundo os costumes romanos do período tardio.

Segundo Adkins e Adkins (2004, p. 377), a idade mínima aceita pelos romanos para o casamento era de doze anos para as mulheres e quatorze para os homens, embora, na prática, o casamento pudesse acontecer mais tarde. Desse modo, HART tem início com o relato do incesto de Antíoco, rei da Antioquia, com a própria filha, não nomeada, quando a criança atinge a idade de casar. Como veremos mais adiante, a filha de Apolônio, Társia, estará pronta para o casamento aos quatorze anos, o que nos leva a pensar, portanto, que a filha de Antíoco tenha essa mesma idade ao ser considerada apta para receber pretendentes. Antíoco deflora a filha em uma descrição brutal:

Famulos longe excedere iussit, quasi cum filia secretum conloquium habiturus, et stimulante furore libidinis diu

Kortekaas (2004).

⁴ Uma libra equivale a 327 gramas.

⁵ Todas as traduções são de responsabilidade do autor a partir do texto latino estabelecido por Kortekaas (2004).

repugnant<i> filiae suae nodum virginitatis eripuit. Perfecto que scelere evasit cubiculum. Puella vero stans dum miratur scelestis patris impietatem, fluentem sanguinem coepit celare: sed guttae sanguinis in pavimento ceciderunt. (KORTEKAAS, 2004, p. 104, RA 1). [Ordenou que os criados partissem para longe, como se fosse ter uma conversa particular com a filha, e, estimulado pela loucura da libido, arrancou o nó da virgindade à sua filha que resistira por muito tempo. E, perpetrado o crime, evadiu-se do quarto. Mas a menina, petrificada ao dar-se conta da impiedade cometida pelo pai criminoso, procura esconder o sangue que escorre; no entanto, algumas gotas do sangue caíram no chão.]

Após o crime, Antíoco, apaixonado pela filha e desejando impedir o casamento dela com outro, lança o desafio segundo o qual, despontasse algum pretendente à mão da princesa, este, para casar-se, teria de solucionar um enigma. O pretendente, resolvendo o enigma, teria a mão da princesa; mal sucedido, seria condenado à morte.

O rei Apolônio, desejando desposar a moça, torna-se o pretendente que descobre a resposta certa para o enigma do rei. Antíoco, no entanto, não querendo separar-se da filha e amante, trai a própria palavra e condena Apolônio à morte, o que leva o moço a fugir. Essa fuga dá início à intriga. Nela, o primeiro destino de Apolônio é a cidade de Tarso, na qual encontra Estranguilião e Dionísia, personagens importantes para o desenvolvimento da narrativa.

As personagens de HART são levadas a várias cidades, sempre pelo mar. A narrativa tem início na Antioquia, de onde Apolônio retorna a Tiro e segue para Tarso, onde conhece Estranguilião e Dionísia. De Tarso,

Apolônio segue para Pentápolis⁶, onde conhecerá sua esposa. Ao retornar a Tiro, surpreendido por uma tempestade, Apolônio segue para Tarso. Posteriormente, Társia, filha de Apolônio, é sequestrada por piratas e levada para Mitilene. Enquanto Apolônio se refugia no Egito, sua esposa, por sua vez, estará abrigada no templo de Diana, em Éfeso. Notamos que, mesmo em grande número, essas localidades estão sempre no mediterrâneo.

Após uma breve estada em Tarso, seguindo o conselho dos amigos Estranguilião e Dionísia, Apolônio dirige-se a Pentápolis, no continente africano. Contudo, vítima de uma tempestade, chega ao litoral da cidade como naufrago. Em Cirene, Apolônio conhece o rei Arquístrates, do qual ganha a amizade e a admiração.

A filha de Arquístrates não é nomeada em RA, mas em RB. Como aponta Kortekaas (2007, p. 180), *Archistrates* é o nome do rei tanto em RA quanto em RB, enquanto *Archistratis* é o nome da princesa (RB 18). A semelhança de nomes é compatível ao costume romano, que nomeava as mulheres com o nome do pai (ATKINS; ATKINS, 2004, p. 268) e, no caso de mais de uma filha, todas receberiam o mesmo nome e seriam diferenciadas apenas por um número (*Prima*, *Secunda*, etc.).

Em Cirene, a filha do rei Arquístrates está em idade de casar e é cortejada por pretendentes que aguardam que um deles seja escolhido:

*Rex autem post paucos dies tenens Apollonium manu forum
petit et cum eo deambulavit. Iuvenes scholastici III nobilissimi,
qui p<er> longum tempus filiam eius petebant in matrimonium,*

⁶ O nome Pentápolis, como o nome indica, é uma região, no norte do continente africano, que compreende cinco cidades interligadas. São elas: Berenice, Cirene, Arsino, Ptolemais, e Apolônia (KORTEKAAS, 2007, p. 138). A cidade pentapolitana em que Apolônio conhece Arquístrates e a princesa que desposará é Cirene.

pariter omnes una voce salutaverunt eum. Quos videns rex subridens ait illis:

— *Quid est hoc, quod una voce me pariter salutastis?*

Vnus ex ipsis ait:

— *Potentibus nobis filiam vestram in matrimonium tu saepius nos differendo fatigas: propter quod hodie una simul venimus. Elige ex nobis, quem vis habere generum* (KORTEKAAS, 2004, p. 146, RA 19).

[No entanto, depois de alguns poucos dias, tomado Apolônio pela mão, o rei foi em direção ao fórum e lá caminhou com ele. Três nobilíssimos jovens da escola, que há muito tempo pediam a filha dele em casamento, todos ao mesmo tempo, a uma só voz, saudaram-no. O rei, vendo-os, diz sorrindo:

— Que é isso, que vocês me cumprimentaram juntos, em coro?

Um deles diz:

— Você nos aflige, nós que pedimos sua filha em casamento, dispensando-nos constantemente: por esse motivo hoje viemos juntos. Escolha dentre nós quem você quer ter como genro.]

Como o parágrafo acima atesta, a escolha de um marido para a princesa deveria ser de responsabilidade do rei e pai, mas é a própria princesa, filha de Arquístrates, que se decide por Apolônio, contrariando o costume romano. A participação feminina em HART é particularmente interessante, pois apresenta um comportamento mais ativo que o masculino. Além da esposa de Apolônio, é Dionísia, esposa de Estranguilião, que tem a iniciativa de mandar matar Társia; Licórida, ama da filha de Arquístrates e, posteriormente, de Társia, é quem revela à menina a história de seus pais, informando a linhagem nobre e os procedimentos que deve adotar caso se sinta em perigo; a própria Társia foi capaz de preservar-se, com muita astúcia, mesmo em um prostíbulo.

Apolônio, na verdade, foi levado pelas circunstâncias passivamente, e, quanto a seu casamento, muito embora a escolha feita pela princesa coincidisse com a do rei, todo o processo de sedução parte da moça, desde a estratégia que manteve Apolônio no castelo (a princesa o solicitou como professor de artes), passando pela rejeição aos pretendentes (Apolônio não está entre eles), até o pedido de casamento, informado ao pai por meio dos codicilos:

Et scripsit codicellos et signatos sui anulo iuveni tradidit. Pertulit Apollonius in forum tradiditque regi. Accepto codicillo rex resignavit et aperuit illum. In quibus rescripserat filia sua: “Bone rex et pater optime, quoniam clementiae tuae indulgentia permittis mihi, dicam: illum volo coniugem naufragio patrimonio deceptum. Et si miraris, pater, quod tam pudica virgo tam impudenter scripserim: per ceram mandavi, quae pudorem non habet” (KORTEKAAS, 2004, p. 148, RA 20).

[Escreveu nos codicilos, marcou com seu pequeno anel e os entregou ao jovem. Apolônio levou-os ao fórum e entregou ao rei. O rei recebeu os codicilos, quebrou o selo e os abriu. Neles sua filha reescrevera: “Bom rei e ótimo pai, porque você é tolerante graças à complacência de sua bondade, direi: quero por marido aquele cujo patrimônio foi prejudicado pelo naufrágio. E, para o caso de espantar-se, ó pai, que eu, virgem tão pudica, tenha escrito tão impudentemente, mando pelos codicilos que não têm pudor”.]

Apolônio, entretentes, recebe a notícia de que o rei Antíoco e sua filha haviam morrido vítimas de um raio, e que, a partir de então, o reino de Antioquia cabia-lhe por direito. Por esse motivo, parte com sua jovem esposa, grávida, para lá. A esposa de Apolônio, dando à luz uma menina, é

equivocadamente tomada por morta e é então lançada ao mar dentro de um caixão. O caixão flutua até chegar à terra firme, onde a rainha será resgatada e salva por um médico. O médico leva-a para casa como filha, posteriormente, ela tornar-se-á, em Éfeso, sacerdotisa de Diana:

Post paucos dies, ut cognovit eam regio genere esse ortam, adhibitis amicis in filiam suam sibi adoptavit. Et rogavit cum lacrimis, ne ab aliquo contingeretur. Exaudivit eam et inter sacerdotes Dianae feminas <in>ful<civ>it⁷ et collocavit, ubi omnes virgines inviolabiliter servabant castitatem (KORTEKAAS, 2004, p. 166, RA 27).

[Depois de poucos dias, logo que soube que ela era nascida de origem real, ele convidou os amigos e adotou-a como sua própria filha. E ela rogou com lágrimas, para que não fosse tocada por ninguém. Ele a ouviu e a colocou entre as mulheres sacerdotisas de Diana, em um monastério, onde todas as virgens preservariam a castidade inviolada.]

O incidente, suposta morte da esposa, coloca Apolônio de luto. Por esse motivo, ele não busca o reino de Antioquia, que lhe era reservado, e também não tem ânimo para voltar ao sogro; ao invés disso, Apolônio retorna a Tarso, onde deixa sua filha aos cuidados de Estranguilião e Dionísia, e então segue viagem rumo ao Egito, onde trabalhará como comerciante.

A filha de Apolônio será chamada Társia, em homenagem à cidade. Além de Társia, ficou com Estranguilião e Dionísia a ama da esposa de Apolônio, Licórida, incumbida de cuidar e guardar Társia. Após as instruções, Apolônio trouxe ao casal a criança, uma soma de ouro e prata, bem

⁷ Segundo Kortekaas (2007, p. 409) o termo “infulciuit” ocorre no Latim Tardio tendo como forma concorrente “infuslit”. RA provavelmente toma (*in*)fulcio com o sentido de “colocar em”. *Collocare*, ainda segundo Kortekaas, é o termo técnico para “colocar em um monastério”.

como roupas preciosas, então jurou solenemente não fazer nem barba nem cabelo nem unhas, antes que entregasse sua filha em casamento.

O tempo do casamento de Társia, no entanto, coincide com o do casamento da filha de Estranguilão e Dionísia, pois as duas meninas têm a mesma idade. Como Apolônio deixasse de dar notícias de si e houvesse ciúmes de Dionísia em relação à própria filha que era diminuída diante da filha de Apolônio, Dionísia, sem impedimentos, planeja a morte de Társia:

[...] quodam die feriato Dionysia cum filia sua, nomine Philomusia, et Tharsia puella transiebat per publicum. Videntes omnes cives speciem Tharsiae ornatam, omnibus civibus et honoratis miraculum apparebat atque omnes dicebant: “Felix pater, cuius filia est Tharsia; illa vero, quae adhaeret lateri eius, multum turpis est atque dedecus.” Dionysia vero, ut audivit laudare Tharsiam et suam vituperare filiam, *<in>* insaniae furorem conversa est. Et sedens sola coepit cogitare taliter: “Pater eius Apollonius, ex quo *h<in>c* profectus est, habet annos *XIII* et nunquam venit ad suam recipiendum filiam nec nobis misit litteras. Puto, quia mortuus est aut in pelago periit. Nutrix vero eius decessit. Neminem habeo aemulum. Non potest fieri, nisi ferro aut veneno tollam illam de medio et ornamenti eius filiam meam ornabo.” (KORTEKAAS, 2004, p. 176, RA 31).

[...] num dia de feriado, Dionísia com sua filha, de nome Filomusa, e a menina Társia passeavam por um lugar público. Todos os cidadãos viam o aspecto elegante de Társia. Mostrando-se ela admirável a todos os cidadãos honrados, todos diziam: “Feliz o pai cuja filha é Társia. Aquela, contudo, que está ao lado dela, é muito feia e uma desonra”. Ora, ao ouvir louvar Társia e depreciar sua filha, Dionísia mudou-se em louco furor. E, parando, sozinha começa a pensar assim: “O pai

dela, Apolônio, há 14 anos, desde que partiu daqui, nunca veio para retomar sua filha, nem nos enviou cartas. Assim, calculo que seja porque morreu ou pereceu no mar. Ora, a nutriz dela morreu. Não tenho inimigo. Nada pode acontecer se eu sumir com ela, por ferro ou por veneno, e vestir a minha filha com as roupas dela".]

Escapando ao ardil devido ao fato de ter sido sequestrada por piratas, Társia acaba sendo leiloada como escrava. Um leno e o príncipe Atenágoras, que futuramente a desposará, disputam-na, mas, como os lances se avultam, Atenágoras abandona o leilão:

Athenagoras ait: "Ego si cum hoc lenone contendere voluero, ut unam emam, plurium venditor sum. Sed permittam eum emere, et cum ille eam in prostibulo posuerit, intrabo prior ad eam et <e>ripiam nodum virginitatis eius vili pretio, et erit mihi ac si eam emer<i>m" (KORTEKAAS, 2004, p. 186, RA 33). [Atenágoras diz: se eu quiser rivalizar com este leno, para que compre uma única escrava, venderei várias outras. Mas permitirei que ele a compre e, quando ele a colocar no prostíbulo, entrarei primeiro junto a ela e arrancarei sua virgindade por um preço irrisório, e será para mim como se a comprasse.]

Apolônio, enganado, sofre o luto pela filha e pela esposa e, nesse sofrimento, o romance parece seguir rumo a um desfecho semelhante ao início, ou seja, o incesto de um rei com a filha princesa, pois Társia é levada, do prostíbulo no qual é mantida prisioneira, ao navio, para o entretenimento de Apolônio. Após uma série de enigmas, Társia narra sua desventura, pela qual Apolônio a reconhece.

No fim da idade Média, segundo Archibald (2005, p. 197), o tema do incesto era abordado por contos que pretendiam coibir essa prática, fosse

pelo exemplo de um pecado monstruoso, que poderia ser expiado pela contrição e pela graça divina, fosse pelo exemplo da punição divina. Isso provavelmente contribuiu com o sucesso de HART e dá provas de que essa narrativa esteve além de seu tempo, uma vez que o episódio inicial, mesmo chocando escritores mais conservadores, nunca foi retirado das versões medievais ou renascentistas.

Após o reencontro com a filha, o protagonista, por meio de um sonho atribuído à deusa Diana, é instruído a seguir rumo a Éfeso, onde reencontra a esposa. Ao final, sendo castigados os malfeitos, Apolônio deixa o reino de Antioquia ao casal Atenágoras e Társia e reina sobre Tiro e Cirene, onde tem uma tranquila e ditosa existência com a esposa.

Analisamos o romance *História do rei Apolônio, de Tiro* quanto ao tempo do matrimônio da personagem central, Apolônio, e também das personagens femininas; a filha do rei Antioco (incesto); a filha do rei Arquístrates (com Apolônio); a filha de Estranguilão e Dionísia, Filomusa, da qual temos apenas o período do casamento e o incidente que motivou o atentado contra Társia, mas nenhuma outra notícias senão o castigo dos pais no final do romance; finalmente, o casamento de Társia com Atenágoras. Levamos em conta os costumes romanos do período tardio, não anterior ao início do século III e não posterior ao fim do século VI d. C., bem como o espaço da narrativa, a região do mediterrâneo.

BIBLIOGRAFIA

- ADKINS, Lesley; ADKINS, Roy A. *Handbook to life in ancient Rome*. New York: Facts on File, 2004.
- ARCHIBALD, Elizabeth. *Apollonius of Tyre in the Middle Ages and the Renaissance*.

- In. HOFMANN, Heinz. *Latin fiction*: The Latin novel in context. London: Routledge, 2005, p. 193-200.
- KORTEKAAS, G. A. A. *Commentary on the ‘Historia Apollonii regis Tyri’*. Leiden; Boston: Brill, 2007.
- KORTEKAAS, G. A. A. *The ‘Historia Apollonii regis Tyri’ and ancient astrology*: a possible link between Apollonius and κατορή. In: *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, vol. 85. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GmbH, 1991 (p. 71–85).
- KORTEKAAS, G. A. A. *The story of Apollonius, King of Tyre*: a study of its Greek origin and an edition of the two oldest Latin recensions. Leiden: Brill, 2004.
- SCHMELING, Gareth L. *Historia Apollonii regis Tyri*. Leipzig: Teubner, 1988.

